

QUALIDADE no ENSINO

Horácio Almendra

horacio.almendra@iqe.org.br . www.iqe.org.br



Colaboração:

Maria Helena Braga / mhelena.braga@iqe.org.br
Maria Sidalina Gouveia / sidalina.gouveia@iqe.org.br
Cristina Luiza Garbuio / cristina.garbuio@iqe.org.br
José Gayoso / jose.gayoso@iqe.org.br
James Zomighani / james.zomighani@iqe.org.br

Tempos da Natureza e da Sociedade

James Zomighani

Especialista Formador de Geografia do IQE – Instituto Qualidade no Ensino

Tempo é um conceito polissêmico, ou seja, aquele que permite vários significados. Neste artigo, será feita uma pequena reflexão demonstrando como ele tem sido utilizado pelos geógrafos e professores de Geografia. Também serão apresentados alguns autores que têm refletido sobre o tempo e a sociedade.

Há os tempos da natureza. O geológico é o da formação da Terra, possui unidades de medida em milhões ou bilhões de anos (as eras geológicas), servindo para conhecer o Universo e a formação do Planeta. Outras referências aos tempos da natureza são as estações do ano, reconhecidas pelas mudanças cíclicas das paisagens naturais. Existe também o tempo atmosférico,

o da “moça do tempo da televisão”, aquela que teima em utilizar o vocábulo com

significado equivocado de clima, ou seja, deste “conjunto dos fenômenos meteorológicos (temperatura, pressão atmosférica, ventos, precipitações) que caracterizam o estado médio da atmosfera e sua evolução”, como definido pelas ciências do tempo. Ao se referir ao tempo atmosférico, o correto seria ela dizer “o tempo está mudando para frio, quente, nublado”, nunca o clima, já que mudanças climáticas devem considerar transformações permanentes

ocorridas em intervalos de 30 mil anos ou mais, um período bem maior do que os poucos dias cobertos pelas previsões do tempo.

Um ano terrestre é a duração do movimento de translação do Planeta ao redor do sol, ou seja, o tempo para a Terra

realizar um grande percurso pelo espaço sideral e retornar ao seu ponto de origem, processo com duração aproximada de 365 dias, o que explica as estações do ano. Outro grande movimento da Terra é sua rotação completa em torno de seu próprio eixo, com duração de 24 horas, fenômeno responsável pela sucessão dos dias e noites.

Vamos agora aos tempos da sociedade. O pensador italiano Domenico de Masi defende o “ócio criativo” como matéria-prima para ativação da engenhosidade humana, ideia que contradiz o senso comum de que, em alguns períodos sem trabalho, “não fazer nada seria perder tempo”, princípio hoje aplicado em muitas empresas de produção de novas tecnologias. Para o compositor francês Hector Berlioz, “o tempo é um grande mestre, mas com o grave defeito de matar os seus discípulos”.

Ele nos faz inferir sobre essa “ditadura do tempo cronológico”, do atropelo de eventos, e das dificuldades de se acompanhar os ritmos acelerados da sociedade contemporânea. Mas, como cada qual sente de forma diferente esses efeitos, em vista disso “os dias talvez sejam iguais para um relógio, mas não para um homem”, como analisa o escritor francês Marcel Proust.

“O tempo é a substância de que sou feito”, disse o escritor argentino Jorge Luis Borges. Este é o tempo da formação do homem, do desenvolvimento de habilidades, competências, saberes e assimilação de formas de comportamento, ou das condições para que haja maturação das potencialidades humanas tornando-as plenamente desenvolvidas. Contudo, é preciso refletir com Padre Antônio Vieira sobre as razões pelas quais “o tempo umas coisas melhora, e

outras corrompe”.

O físico Albert Einstein demonstrou em sua teoria mais famosa como o “tempo é relativo”, e Milton Santos, um visionário de outro mundo, afirmou como “o futuro é âncora” ao vislumbrar, de forma otimista, as transformações atuais em direção a um mundo futuro melhor do que o atual. É também desse autor o termo “rugosidades”, os objetos geográficos presentes nas paisagens atuais, mas constituídos por trabalho humano de outros tempos, ou trabalho

morto, nos termos de Marx.

Para o filósofo alemão Karl Marx, o tempo é também medida da exploração do trabalho humano, possível de ser mensurada pela extração da “mais-valia”. Isto é, pelo “valor” total produzido pelo trabalho e incorporado nas mercadorias durante sua fabricação, cuja ínfima

parcela é “devolvida” ao trabalhador na forma de seu salário.

Em relação ao tempo na escola, “perder tempo em aprender coisas que não interessam, priva-nos de descobrir coisas interessantes”, como destaca o poeta Carlos Drummond de Andrade. É necessário ensinar os estudantes a cuidar melhor do tempo, ou seja, a se organizar para estudar melhor, aprender mais e ganhar autonomia de forma gradativa.

Também é Drummond que demonstra como tiramos energias do próprio tempo para enfrentar nosso cansaço e superar desafios. “Aí entra o milagre da renovação e tudo começa outra vez (...) e outra vontade de acreditar que daqui pra diante vai ser diferente” a cada ano que se começa ou projeto que se inicia, em busca de novos ideais independente do tempo para que isso ocorra.